

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 222

Data: junho/julho de 1983

Pg.: _____

Funai fecha aldeias a CMPI

Graças à já proverbial "habilidade" dos coronéis que a dirigem, a Funai cometeu, no recém-fimido mês de maio, aquela que será, possivelmente, a maior gafe de sua movimentada existência. Alegando serem as reservas indígenas "áreas de segurança nacional", a Presidência da Fundação proibiu o ingresso, nas aldeias de Mato Grosso do Sul, de José Carlos Morales, presidente do CMPI — Conselho Mundial de Povos Indígenas.

Na mensagem transmitida por rádio aos chefes dos postos daquele Estado, a presidência da Funai afirmava, ainda, que, por se tratar de cidadão estrangeiro (Morales é índio do povo Brunka, que vive na Costa Rica), o incômodo visitante, caso insistisse em entrar nas aldeias, deveria ser orientado para buscar autorização no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. A policialesca proibição revelou-se tão ridícula quanto ineficaz. Em várias aldeias Terena, Kayová e Kadiwéu para onde Morales se dirigiu a fim de conhecer, de perto, a situação dos povos indígenas e seus esforços de organização, os chefes de postos não puderam cumprir a "ordem de Brasília", pois os caciques se interpuseram, lembrando que "ele é índio, é nosso convidado, e a Funai não tem nada que se meter aqui em nossa terra". O presidente do CMPI deixou de visitar apenas a aldeia Kayová de Panambi, no município de Douradina, porque o chefe do posto foi procurá-lo, na véspera, pedindo sua "compreensão e colaboração", para que ele, funcionário, não viesse a sofrer represálias da cúpula da Funai.

Nos restantes lugares de sua programação brasileira, Morales aproveitou para denunciar a atitude da Funai, lembrando que a entidade que ele preside congrega 65 milhões de índios, em todo o mundo, e que é reconhecida pela ONU, onde tem assento no Conselho Econômico e Social (ver *PORANTIM* nº 50). A mesma denúncia deverá ser feita em todos os países que o presidente do CMPI visitar, nos próximos meses. E, se a "imagem" da política indigenista brasileira piorar ainda mais, no Exterior, não será, certamente, por culpa de José Carlos Morales.

O crédito desse desgaste deve, antes, ser debitado aos coronéis da Funai, experts na organização de roteiros turísticos para diplomatas, em áreas indígenas (ver *PORANTIM* nº 43). Para esses estrangeiros, a Funai abre áreas como o Parque do Xingu e o Parque do Araguaia, previamente maquiadas, oferecendo, ainda, em troca de uma ilusória propaganda no Exterior, todo o tipo de mordomias aos componentes das alegres caravanas internacionais.

É nesse momento que se enxerga, com meridiana clareza, o acerto do projeto de lei do deputado Mário Juruna, que prevê a desmilitarização da Funai, substituindo seus atuais dirigentes por um Conselho Diretor composto de pessoas que realmente "entendem de índio" (ver página 13). A anunciada volta dos militares aos quartéis, que promete concretizar-se na escolha do futuro presidente da República, deve ser veementemente ampliada para todos os setores da administração pública. A começar pelo ninho de coronéis que é a Funai.